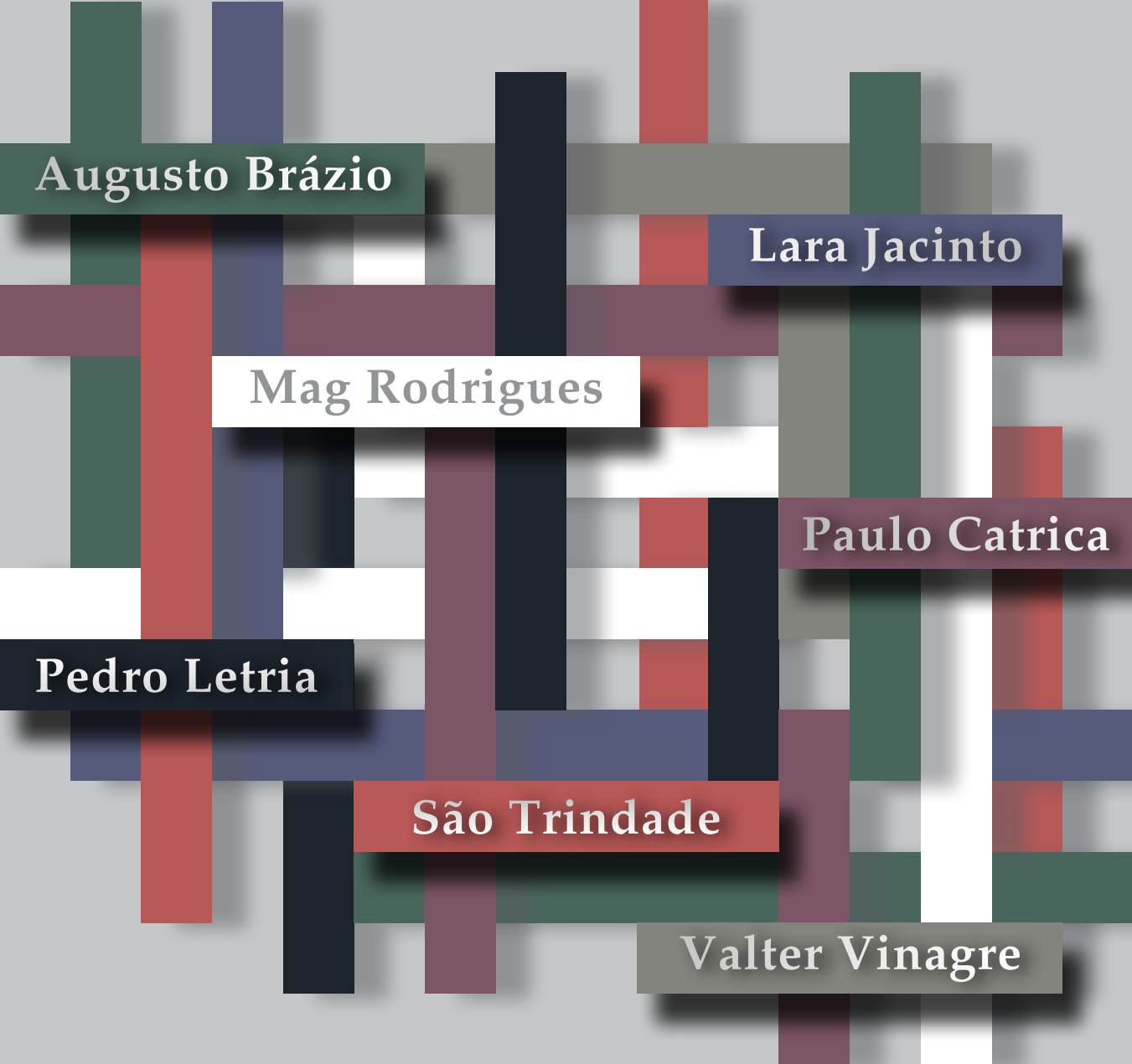


O CERCO DE LISBOA



Augusto Brázio

Lara Jacinto

Mag Rodrigues

Paulo Catrica

Pedro Letria

São Trindade

Valter Vinagre

O CERCO DE LISBOA

O Cerco de Lisboa é um ensaio documental coletivo sobre Lisboa, que se situa metaforicamente no antigo perímetro amuralhado da cidade, para abordar a representação da sua periferia social e urbana. Sete fotografas e fotógrafos portugueses oferecem um panorama voluntariamente fragmentado, que se junta aos projetos anteriormente realizados para o Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico.

O Cerco de Lisboa inclui imagens dissonantes que reveem criticamente as iconografias da colonialidade ou a memória urbana de alguns bairros, aqueles que nasceram nas imediações de pequenas indústrias, criando um microcosmos social e iconográfico onde as fábricas coexistiam com negócios subsidiários e casas de trabalhadores.

O Cerco de Lisboa apresenta projetos que prestam atenção àqueles que habitam os lugares que a evolução da economia abandonou. Territórios nos quais se formou um mosaico híbrido de alteridade e precariedade. Nestes espaços subalternos, convivem migrantes das ex-colónias com os despejados pelo mercado de trabalho.

A exposição, inteiramente realizada para o Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico, pretende dar protagonismo aos subordinados, tanto a nível identitário como social, através de imagens empáticas para com aqueles considerados *diferentes*: as pessoas albinas, por exemplo, ou os jovens que engendram sistemas alternativos de subsistência urbana, um modelo de resistência que tem equivalentes em muitas cidades do mundo.

O projeto adota ainda uma visão marcadamente subjetiva da Lisboa que os forasteiros vislumbram antes de entrarem no centro da cidade. Um olhar que é complementado por imagens ambíguas que procuram a estranheza em cenários quotidianos.

A exposição inclui também um vídeo realizado num armazém abandonado, ocupado por pessoas sem-abrigo. Numa outra sala, são apresentadas entrevistas aos autores de *O Cerco de Lisboa* sobre o seu trabalho.

Alejandro Castellote



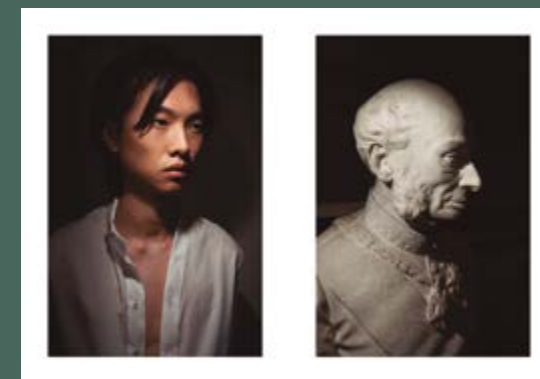
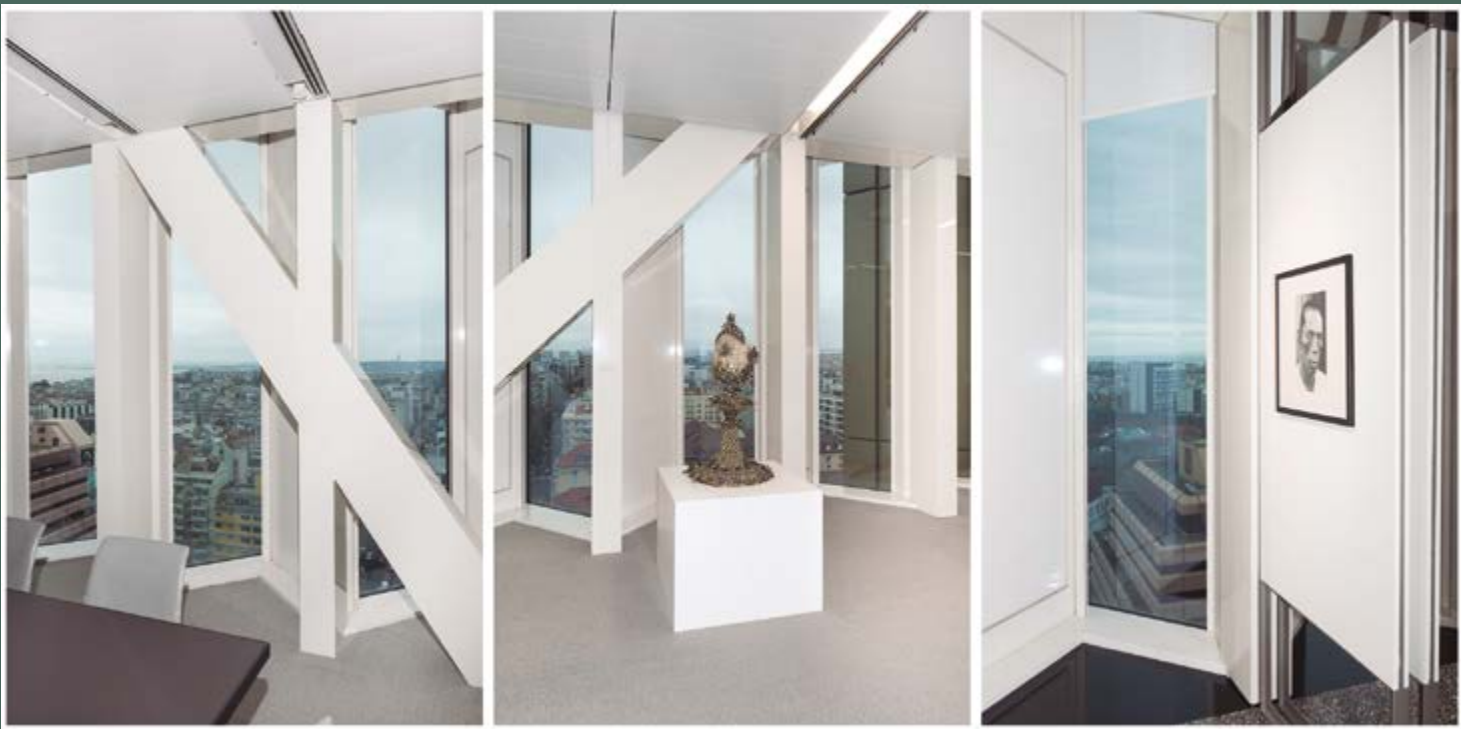
Chegada

Nos anos 80, a aproximação à cidade de Lisboa, feita a partir do banco de trás do Citroën 2CV do meu pai, revelava uma realidade impressionante: encostas onde as barracas e o lixo se acumulavam – como a neve no topo de uma montanha. Estas imagens vivem na minha memória com uma nitidez que não desvanece, apesar de todas as outras que se foram fixando ao longo do tempo.

Talvez por isto, olho para a cidade a partir das bordas, das mesmas encostas – de fora para dentro – atraída também pelo facto de, ali, o futuro ser uma promessa por cumprir. Através desta viagem vemos, na complexidade do caminho, a estratificação social, a falência de políticas sociais, de emprego, de habitação, de integração.

Impressão giclée sobre papel Hahnemuhle Fine Art Baryta Satin

Lara Jacinto



Poder

As primeiras representações artísticas do período colonial impregnaram a memória coletiva e contribuíram para a construção de estereótipos sobre as culturas estrangeiras, tingindo-as com uma camada de exotismo, visível nos objetos que transportam, que disfarça a subjugação e a exploração a que foram sujeitas. Um exotismo que sobrevive nos retratos que decoram os gabinetes e salões das classes abastadas e que se acumula nas coleções institucionais.

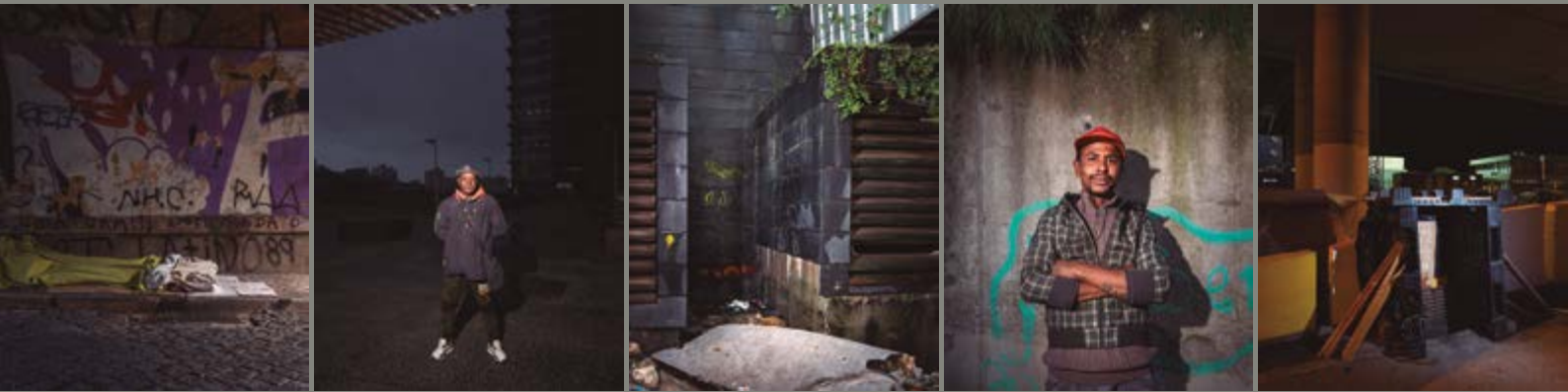
A sociedade atual ainda não se conformou com a presença nas suas cidades de descendentes dos servos do Império. Estes procuram dignificar as suas vidas migrando para as metrópoles que, no passado, enriqueceram com a riqueza dos seus recursos naturais e com o trabalho escravo. Esta globalização provocada pela deslocação maciça de populações está a mudar a perceção do passado. É o que sugerem os dípticos de Augusto Brázio. As fotografias têm uma capacidade extraordinária de alargar o significado do que mostram. Agora, aqueles que aparecem como sujeitos exóticos são os representantes do poder colonial.

Impressão a jacto de tinta sobre vinil

Impressão a jacto de tinta sobre papel Epson Premium Luster Photo

Augusto Brázio





Dentro de Ti

O trabalho de Valter Vinagre centra-se na análise crítica da condição humana, orientando a reflexão do espetador para a contiguidade dos nossos horizontes vitais com o fracasso. Grande parte da sua obra abunda em temas que aludem ao desenraizamento, à alienação social e à ruína como cenário metonímico do colapso da dignidade individual.

Estas fotografias apresentam o quotidiano dos sem-abrigo através dos cenários que habitam. Mostram os lugares como metáforas da sua resiliência forçada. Mas pretendem também ser um espelho da forma como a maioria da população vê aqueles que foram expulsos da sociedade: espectros anónimos que, embora presentes no quotidiano da cidade, se tornam invisíveis. Os espaços improvisados em que se abrigam são o relato silencioso de uma subsistência, de um percurso circular cheio de feridas e cicatrizes, que os levou da precariedade das suas origens ao nada do seu presente.

Impressão a jacto de tinta sobre papel Hahnemuhle Photo Rag Baryta

Aro

O vídeo *Aro* surgiu da necessidade, da inquietação gerada em Valter Vinagre na primeira vez que visitou este espaço – as ruínas de um armazém abandonado – onde os seus habitantes encontraram refúgio e um lugar para passar a noite. É um espaço onde o tempo parece ter parado. As suas paredes espessas dão-lhes abrigo, mas este cenário belo e imponente é também um estranho contentor, que pode tornar-se opressivo e hostil.

Os protagonistas desfilam diante da câmara. As sequências estáticas, uma espécie de fotografias animadas, narram discretamente o quotidiano das suas vidas. Em frente à câmara, contam a história do percurso de vida que os trouxe até ali. Não se julga a sua decadência ou a sua desordem; entende-se que o destino lhes pregou uma partida suja ou que a perda do direito ao trabalho, aquilo que dá dignidade às pessoas, foi a causa da sua expulsão social.

Vídeo, 21mn

Com Carlos Cruz, José Ferreira, José Mota, Micael, Pelé e Sónia Correia **Realização** Valter Vinagre **Fotografia e montagem** Tiago Moura e Valter Vinagre **Som** Tiago Moura **Colorista** Maria Leonardo Cabrita **Produção** Número - Arte e Cultura

Para levar por diante o trabalho de captação de imagens, Valter Vinagre teve o apoio das equipas de rua da Associação CRESCER.



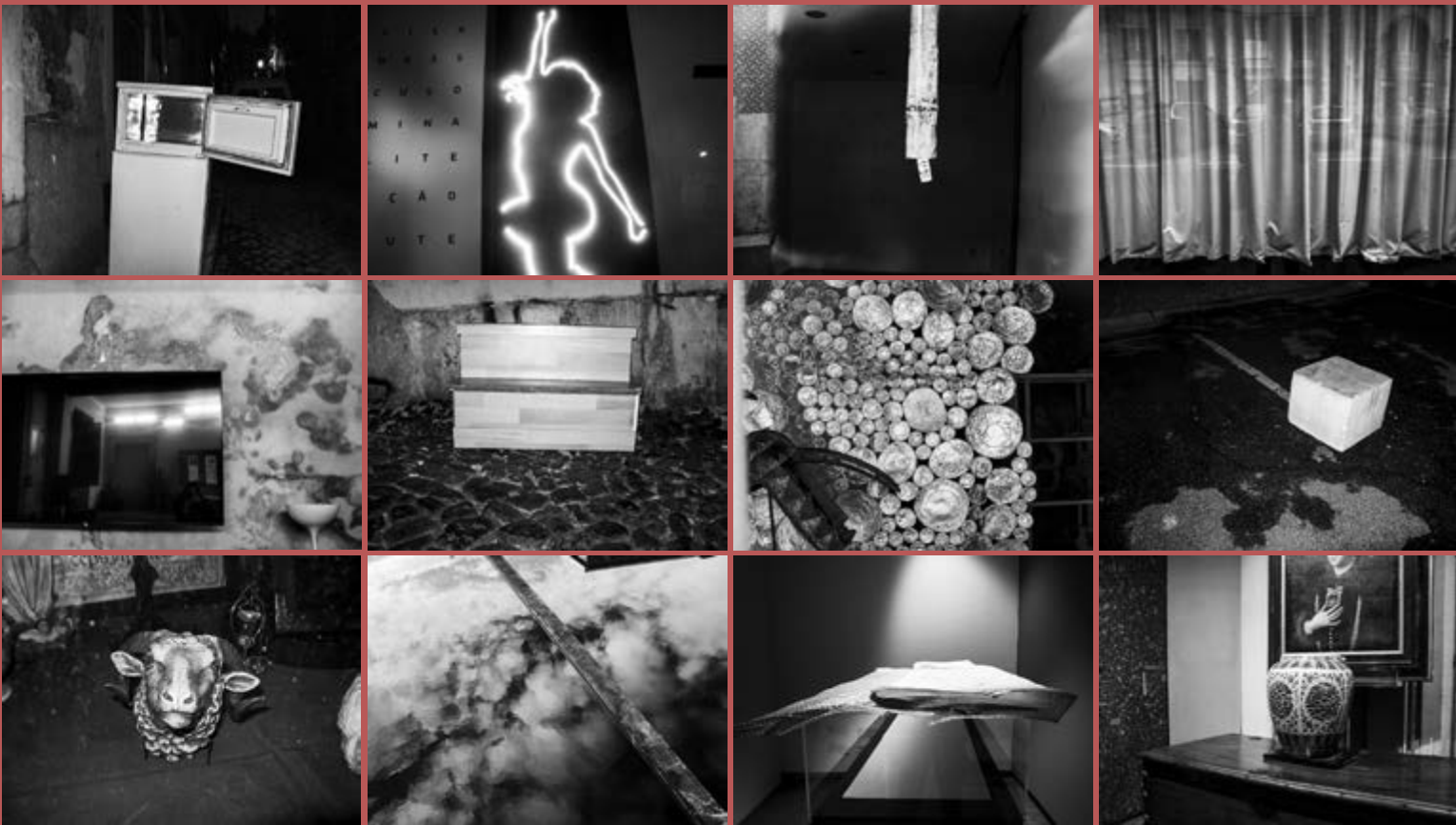
A Cor da Luz

Mag Rodrigues aborda, tal como fez em trabalhos anteriores – *Subsolo*, *As Senhoras* ou *Família*, entre outros –, a documentação visual de pessoas que sofrem algum grau de estigmatização social. As protagonistas da sua série *A Cor da Luz* são duas mulheres albinas, Gabriela e Nazaré, que acompanhou nas suas rotinas quotidianas com o objetivo de contribuir, através dos seus retratos, para a normalização e dignificação da sua presença na cidade onde vivem, Lisboa.

A atenção aos sujeitos que não têm acesso à visibilidade é algo que a fotografia tem desenvolvido desde os seus primórdios, seja numa perspectiva médico-científica, seja destacando a excecionalidade dos indivíduos. O advento da fotografia socialmente engajada, que teve seu momento estelar no início do século XX com coletivos como a *Photo-league* nos Estados Unidos, abriu um canal empático para a recuperação da dignidade das comunidades mais vulneráveis, no sentido mais amplo do termo. Desde então, a importância deste posicionamento humanista dos fotógrafos tem crescido exponencialmente, colocando a solidariedade e a visibilidade das injustiças como uma das questões mais necessárias para a consciencialização social.

Impressão a jacto de tinta sobre papel Epson Premium Luster Photo

Mag Rodrigues



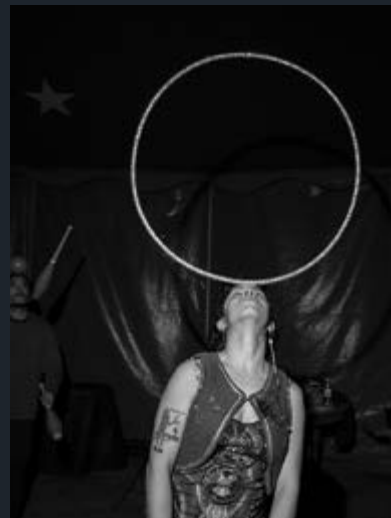
Se eu quisesse, enlouquecia. Sei uma quantidade de histórias terríveis. Vi muita coisa, contaram-me casos extraordinários, eu próprio... Enfim, às vezes já não consigo arrumar tudo isso. Porque, sabe?, acorda-se às quatro da manhã num quarto vazio, acende-se um cigarro... Está a ver? A pequena luz do fósforo levanta de repente a massa das sombras, a camisa caindo sobre a cadeira ganha um volume impossível, a nossa vida... compreende?... a nossa vida, a vida inteira, está ali como... como um acontecimento excessivo... Tem de se arrumar muito depressa. Há felizmente o estilo. Não calcula o que seja? Vejamos: o estilo é um modo subtil de transferir a confusão e violência da vida para o plano mental de uma unidade de significação. Faço-me entender? Não? Bem, não aguentamos a desordem estuporada da vida.

Herberto Helder. *Os Passos em Volta*, 1963

Dos Passos em Volta

São Trindade é uma espécie de *flâneur* visual, à moda antiga, porque o *flâneur* contemporâneo agora só passeia pelas redes sociais através de ecrãs. O seu imaginário pessoal não contém um tema específico, a escolha do que fotografa parece surgir de impulsos subconscientes, que ilustram a simultaneidade do seu andar errático pelas ruas de Lisboa, com os encontros acidentais que assaltam o seu olhar. Caminha e olha enquanto deambula pelos lugares do quotidiano. Deixa-se surpreender por objetos e espaços que contêm resíduos de realidade, rodeados aleatoriamente por elementos disruptivos. Uma espécie de *scènes trouvées*, que aproxima as suas fotografias dos pressupostos conceptuais do surrealismo.

São Trindade não procura ordenar o caos da realidade, mas torna-se cúmplice desse estado de incongruência aleatória para criar uma poética da dissonância. Uma atitude que, em literatura, se poderia inscrever no género do realismo sujo, mas que, no seu caso, se poderia antes dizer que se relaciona com a prosa poética que Herberto Helder utiliza no seu livro *Os Passos em Volta*.



Malabar

Artistas de semáforo ou livre pensadores. Ou talvez as duas coisas. Conheci por mero acaso e fotografei a comunidade de artistas de rua que utiliza a plateia “cativa” dos automobilistas dentro dos carros como público para os seus dotes artísticos. Percebi como além de terem de ter jeito com os instrumentos escolhidos, precisam de contar o tempo de modo a impressionar os condutores e identificar qual das faixas de rodagem renderá mais, pois não sobra tempo para percorrer mais do que uma após cada actuação. Vi como as pessoas reconhecem a labuta e agradecem a interrupção das suas rotinas por breves segundos, entregando dinheiro, comida, roupa e outras (inimagináveis) coisas. Ouvi os relatos de percursos intercontinentais subsidiados pela prática diária na rua. Testemunhei alguém lesionado ser ajudado por outro que ocupou o seu posto de trabalho para no fim dividirem o que conseguiu ganhar. Entendi as diferenças entre quem se imagina sempre livre para decidir o futuro e quem sonha pertencer ao Cirque du Soleil e fica preso num labirinto. Assisti ao primeiro encontro para a criação de uma hipotética associação de artistas de rua numa tenda no Senhor Roubado. Levei pastéis de nata a quem dormia numa carrinha atrás do Areeiro e depois se desempoeirou e agarrou à namorada que naquele dia se ia estreiar num sinal na Avenida dos EUA. Fotografei o que me maravilhou – os artistas e os seus truques.

Impressão a jacto de tinta de pigmentos sobre papel Hahnemuhle Photo Rag Baryta





Lfc1068 f22.5/2:30min. 18:40h 11.01.2023



Lfc1070 f32/2:30min. 17:53h 12.01.2023



Lf3340 f16/16:30min. 19:18h 5.01.2023



Lf3348 f22.5/1:00min. 18:01h 10.01.2023



Lf3372 f22/8min. 20:38h 31.08.2023



Lf3382 f22/15min. 19:40h 9.10.2023



Lf3383 f22/20min. 20:14h 9.10.2023

There's more to the Picture than meets the eye. Benfica 2022-23*

Vinte e quatro anos depois, voltei a fotografar em Benfica, lugar onde trabalho desde 1998 e que havia fotografado para a encomenda do Arquivo Fotográfico de Lisboa, em 1999. Contrariando o entendimento orgânico do espaço público urbano, a ideia do fragmento, como inorgânico, surgiu como a melhor hipótese.

Um guião de fontes escritas e visuais, documentais e/ou ficcionais conduziu a imagem genérica da série, sendo decisivas as fotografias históricas de Benfica que estão no espólio do Arquivo. Um palimpsesto urbano que revela vestígios do seu passado agrícola e industrial. Outros como a Ribeira de Alcântara ou o lugar onde outrora foi o Campo da Feiteira estão enterrados debaixo da urbanização acelerada de Benfica, que ocorreu entre as décadas de 1960 e 1980.

* *Hey Hey, My My (Into The Black)*, de Neil Young

Impressão a jacto de tinta sobre papel Hahnemuhle Fine Art Baryta Satin

O CERCO DE LISBOA

O Cerco de Lisboa is a collective documentary essay on the subject of Lisbon, metaphorically located within the perimeter of the old city wall, a call out to the representation of its social and urban periphery. Seven Portuguese photographers offer up a willingly fragmented panorama of Lisbon, which adds to the projects previously carried out for the Municipal Photographic Archive.

O Cerco de Lisboa includes dissonant images that take a critical view on the iconography of coloniality or the urban memory of some neighborhoods, particularly those that sprouted up in the vicinity of small industries, creating a social and iconographic microcosm where factory floors coexisted with subsidiary businesses and the homes of workers.

O Cerco de Lisboa showcases projects that shed light on those who inhabit the places that economic progress has left at the wayside. Territories where a hybrid mosaic of otherness and precariousness was coalesced. In these subordinate spaces, migrants from former colonies mingle with those sidelined by the labor market.

The exhibition, created in its entirety for the Lisbon Municipal Photographic Archive, aims to make protagonists out of these extras, whether they be identity and social misfits, through empathetic imagery towards those considered *different*: albinos, for example, or youths who engender alternate approaches to urban subsistence, a counter-systemic model that has counterparts in many cities around the world.

The project also adopts a markedly subjective vision of Lisbon that outsiders sometimes glimpse even before entering the city center. A perspective that is complemented by ambiguous imagery that seeks outlandishness in everyday scenarios.

The exhibition also includes a video filmed in an abandoned warehouse, now by the homeless, as well as, in an adjoining room, video interviews with the various artists of *O Cerco de Lisboa* about their work.

Alejandro Castellote

Chegada

Lara Jacinto

In the 80s, the drive into the city of Lisbon, seen from the back seat of my father's Citroën 2CV, revealed a staggering reality: hillsides where shanties and rubbish accumulated – like snow on mountain tops. These images live on in my memory with a clarity that does not fade, despite all the others that have staked their ground over time.

Perhaps for this reason, I approach the city from the periphery, from the same slopes – from the outside in – also drawn by the fact that, there, the future remains an unfulfilled promise. On this journey we are confronted with the complexity of the route it represents, the social stratification, the failure of policy whether it be social, employment, housing, or integration.

Giclée print on Hahnemuhle Fine Art Baryta Satin paper

Poder

Augusto Brázio

The initial artistic representations of the colonial period have permeated the collective memory and contributed to the establishment of stereotypes about foreign cultures. These are tinged with a layer of exoticism, manifest in the objects of such depictions, which in turn disguise the subjugation and exploitation to which they were subjected. This exoticism persists in the portraits that decorate the offices and halls of the moneyed classes and that accumulates in institutional collections.

Contemporary society has not yet to fully come to terms with the presence in its cities of descendants of the Empire's servants. These seek to dignify their own lives by migrating to the metropolises that, in times past, became rich with the wealth of their natural resources and slave labor. This globalization brought on by the mass displacement of populations is shifting our perception of the past. This is what Augusto Brázio's diptychs suggest. Photographs have an extraordinary ability to expand the meaning of what they picture. Herein, those who appear as exotic subjects are in fact the agents of colonial power.

Inkjet printing on vinyl

Inkjet printing on Epson Premium Luster Photo paper

Dentro de Ti

Valter Vinagre

Valter Vinagre's work focuses on the critical analysis of the human condition, guiding the viewer's reflection towards the contiguity of our vital horizons with failure. Much of his work throngs with themes that allude to uprooting, social alienation and ruin as a metonymic scenario for the collapse of individual dignity.

The present photographs showcase the daily lives of homeless people through the settings they inhabit. They show places as metaphors for their forced resilience. But they also pretend to be a mirror of the manner in which the majority of the population sees those who have been expelled from society: anonymous specters who, although present in the city's daily life, become invisible. The improvised spaces in which they shelter are the silent account of a subsistence, of a circular journey, replete with wounds and scars, which took them from the precariousness of their origins to the nothingness of their present.

Inkjet printing on Hahnemuhle Photo Rag Baryta paper

Aro

The *Aro* video arose out of necessity, out of the uneasiness seeded in Valter Vinagre by the first time he visited the location – the ruins of an abandoned warehouse – a space where its inhabitants found refuge and a place to spend the night. It is a space where time seems to have stopped. Its thick walls provide them with shelter, but this beautiful and imposing setting is also a strange container, which can become oppressive and hostile.

The protagonists parade in front of the camera. The static sequences, animated photographs of a sort, discreetly narrate their daily lives. In front of the camera, they tell the story of the life paths that brought them to this place. No judgement is voiced on its decadence or disorder; it is implicit that fate has played a dirty trick on them or that the loss of the right to work, that which gives people dignity, was the cause of their social exclusion.

Video, 21mn

With Carlos Cruz, José Ferreira, José Mota, Micael, Pelé and Sónia Correia
Directing Valter Vinagre **Photography and editing** Tiago Moura and Valter Vinagre **Sound** Tiago Moura **Colourist** Maria Leonardo Cabrita
Production Número - Arte e Cultura

To carry out the work of capturing these pictures, Valter Vinagre had the support of the CRESCER Association's street teams.

A Cor da Luz

Mag Rodrigues

Mag Rodrigues essays, as she did in previous works – *Subsolo*, *As Senhoras* or *Família*, among others –, the visual documentation of people who suffer some degree of social stigmatization. The protagonists of his series *A Cor da Luz* are two albino women, Gabriela and Nazaré, who she accompanied on their daily routines with the goal of contributing, through their portraits, to the normalization and dignification of their presence in the city where they live, Lisbon.

Shedding light on subjects who are often denied visibility is something that photography has explored since its very beginnings, whether from a medical-scientific perspective or highlighting the exceptionality of individuals. The advent of socially engaged photography, which saw its heyday at the turn of the 20th century, with collectives such as the *Photo-league* in the United States, opened an empathetic channel to recoup the dignity, in the broadest sense of the term, of some of the most vulnerable communities. The importance of this humanist positioning of photographers has grown exponentially ever since, proclaiming solidarity and exposure of injustices as some of the most crucial aspects at play in social awareness.

Inkjet printing on Epson Premium Luster Photo paper

Dos Passos em Volta

São Trindade

São Trindade is a sort of visual *flâneur*, in the old/fashioned sense, because the *flâneurs* of today merely browse social media through their screens. His personal imagination seems to contain no specific threads, what he chooses to photograph seems to arise from subconscious impulses, which illustrate the spontaneity of his erratic walks through the streets of Lisbon, with the fortuitous encounters that take his eyes by storm. He walks and looks on, as he wanders through everyday places. He allows himself to be surprised by objects and spaces that contain residues of reality, randomly besieged by disruptive elements. *Scènes trouvées*, of sorts, which bring his photography closer to the conceptual precepts of surrealism.

São Trindade does not seek to order the chaos of reality, but rather to become an accomplice to this state of random incongruity and forge a poetics of dissonance. An attitude that, in literature, could fall within the genre of dark realism, but which, in his case, one could say bears a relation to the poetic prose that Herberto Helder employs in his book *Os Passos em Volta* ["The Steps Around"].

Inkjet printing on Epson Premium Luster Photo paper

If I wanted to, I would go mad. I know so many

horrible tales. I have seen so much, I have been told extraordinary stories, I, myself... Well, sometimes, I can no longer make sense of it all. Because, you know, you wake up at four in the morning in an empty room, you light a cigarette... You see? The tiny flicker of the match suddenly lifts the mass of shadows, the shirt draped from the chair gains an impossible volume, our life... understand?... our life, our entire life, is there like... like an disproportionate event... You have to get ready very quickly. Fortunately there is style. Can't you work it out? Let's see: style is a subtle way of transferring the confusion and violence of life to the mental plane of a unit of meaning. Do I make myself clear? No? Well. We can't handle the stuporous disorder of life.

Herberto Helder. *Os Passos em Volta*, 1963

Malabar

Pedro Letria

Traffic light performers or free thinkers. Or maybe both. By mere chance I met and photographed the community of street artists who use the "captive" audience of motorists inside cars as an audience for their artistic skills. I realized that beyond having to be good with their chosen tools, they need to count the time in order to impress the drivers and identify which of the lanes will yield the most profit, as they lack the time to canvas more than one after each performance. I saw how people recognize the effort and are grateful for this interlude to their routines even if for a few seconds, handing over money, food, clothes and other (unimaginable) things. I listened to reports of intercontinental journeys subsidized by the daily practice on the streets. I witnessed someone take the place of someone else injured to help, so that at the end of the day they could share what they managed to earn. I came to understand the differences between those who imagine themselves to be forever free to decide their fate and those who dreamed of belonging to Cirque du Soleil but are trapped in a maze. I attended the first meeting to create a hypothetical association of street artists, in a tent in Senhor Roubado. I took custard tarts to someone who was sleeping in a van behind the Areeiro and who then dusted himself off, grabbed his girlfriend who was going to make her debut that day at a traffic light in the Avenida dos Estados Unidos.

Pigment inkjet printing on Hahnemuhle Photo Rag Baryta paper

There's more to the Picture than meets the eye*. Benfica 2022-23 Paulo Catrica

Lfc1076. f32/1:20min. 19.09.2023

Lf3331 f22.5/8min. 17:52h 6.11.2022

Lf3355 f32/45secs. 17:36h 12.01.2023

Lfc1070 f32/2:30min. 17:53h 12.01.2023

Lf3351. f32/1seg. 17:09h 11.01.2023

Lfc1068 f22.5/2:30min. 18:40h 11.01.2023

Lf3340 f16/16:30min. 19:18h 5.01.2023

Lf3348 f22.5/1:00min. 18:01h 10.01.2023

Lf3372 f22/8min. 20:38h 31.08.2023

Lf3382. f22/15min. 19:40h 9.10.2023

Lf3383 f22/20min. 20:14h 9.10.2023

Twenty-four years on, I've returned to photographing Benfica, a place where I have worked since 1998 and which I photographed in 1999, on commission for the Lisbon Photographic Archive. This time, counter to the comprehensive and organic understanding of urban public space, the possibility of the fragment, as inorganic, emerged as the best hypothesis.

A script of written and visual sources, be they documentary and/or fictional, guided the series' overall image, with the historical photographs of Benfica in the Archive's collection being a decisive element. An urban palimpsest that reveals traces of the neighborhood's agricultural and industrial past. Others, such as the Ribeira de Alcântara or the location where the Campo da Feiteira was once sited, are buried beneath the accelerated urbanization of Benfica, which took place between the 1960s and 1980s.

* *Hey Hey, My My (Into The Black)*, by Neil Young

Inkjet printing on Hahnemuhle Fine Art Baryta Satin paper

O CERCO DE LISBOA

O Cerco de Lisboa es un ensayo documental colectivo, que se sitúa metafóricamente en el antiguo perímetro amurallado de la ciudad, para abordar la representación de su periferia social y urbana. Siete fotografías y fotógrafos portugueses ofrecen un panorama voluntariamente fragmentado de la capital portuguesa, que se suma a los proyectos sobre Lisboa previamente realizados para el Archivo Fotográfico Municipal.

O Cerco de Lisboa incluye imágenes disonantes que revisan críticamente las iconografías de la colonialidad o la memoria urbana de algunos barrios, aquellos que nacieron en las inmediaciones de las pequeñas industrias, creando un microcosmos social e iconográfico donde convivían las fábricas con los negocios subsidiarios y las casas de los trabajadores.

En *O Cerco de Lisboa* se presentan proyectos que prestan atención a quienes habitan los lugares que la evolución de la economía ha abandonado. Territorios en los que se ha formado un mosaico híbrido de la alteridad y la precariedad. En esos espacios subalternos conviven migrantes de las excolonias con los desahuciados por el mercado laboral.

La exposición, realizada en su totalidad para el Archivo Fotográfico Municipal de Lisboa, tiene la voluntad de dar protagonismo a las personas subalternas, en lo identitario y en lo social, mediante imágenes empáticas hacia aquellos considerados *diferentes*: las personas albinas, por ejemplo, o aquellos jóvenes que conforman sistemas alternativos de subsistencia urbana, un modelo de resistencia que tiene sus equivalentes en muchas ciudades de todo el mundo.

Asimismo, el proyecto adopta una mirada marcadamente subjetiva sobre esa Lisboa que los forasteros vislumbran antes adentrarse en el núcleo urbano. Una mirada que se complementa con imágenes ambiguas que buscan la extrañeza en los escenarios cotidianos.

La exposición también incluye un vídeo realizado en una fábrica abandonada, ocupada por personas sin hogar. Asimismo, en una sala contigua, se podrán ver entrevistas con los autores de *O Cerco de Lisboa*.

Chegada
Lara Jacinto
En los años ochenta, acercarse a la ciudad de Lisboa desde el asiento trasero del Citroën 2CV de mi padre revelaba una realidad impresionante: laderas en las que se amontonaban chabolas y basura, como la nieve en la cima de una montaña. Estas imágenes viven en mi memoria con una nitidez que nunca se desvanece, a pesar de todas las demás que se han ido fijando con el tiempo.

Quizá por eso miro la ciudad desde los bordes, desde las mismas laderas – de fuera hacia dentro –, atraída también por el hecho de que, allí, el futuro es una promesa incumplida. A través de este recorrido vemos, en la complejidad del camino, la estratificación social, el fracaso de las políticas sociales, de empleo, de vivienda y de integración.

Poder
Augusto Brázio
Las primeras representaciones artísticas del periodo colonial han impregnado la memoria colectiva y han contribuido a construir los estereotipos sobre las culturas ajenas, tiñéndolas de una capa de exotismo, visible en los objetos que portan, que disfraza el sometimiento y la explotación a la que fueron sometidas. Un exotismo que sobrevive en los retratos que decoran los despachos y los salones de las clases acomodadas y que se acumula en las colecciones institucionales.

La sociedad actual todavía está asimilando la presencia en sus ciudades de quienes descienden de los siervos del Imperio. Buscan dignificar su vida emigrando a las metrópolis que en el pasado se enriquecieron con la riqueza de sus recursos naturales y con la mano de obra esclavizada. Esta globalización sobrevenida por los desplazamientos masivos de poblaciones está modificando la percepción del pasado. Así lo insinúan los dípticos de Augusto Brázio. Las fotografías tienen una extraordinaria capacidad para extender el significado de lo que muestran. Ahora quienes aparecen como sujetos exóticos son los representantes del poder colonial.

A Cor da Luz

Mag Rodrigues

Mag Rodrigues aborda, como hiciera en trabajos anteriores – *Subsolo*, *As Senhoras* o *Família*, entre otros –, la documentación visual de personas que sufren algún grado de estigmatización social. Las protagonistas de su serie *A Cor da Luz*, son dos mujeres albinas, Gabriela y Nazaré, a quienes ha acompañado en sus rutinas diarias para contribuir mediante sus retratos a la normalización y la dignificación de su presencia en la ciudad donde viven, Lisboa.

La atención a sujetos que no tienen acceso a la visibilidad es algo que la fotografía ha desarrollado desde sus inicios, ya sea desde una óptica médico-científica o subrayando la excepcionalidad de los individuos. El advenimiento de la fotografía socialmente comprometida, que tuvo su momento estelar a comienzos del siglo XX en colectivos como la *Photo-league*, en Estados Unidos, abrió un canal empático hacia la restauración de la dignidad de las comunidades más vulnerables, en el más amplio sentido del término. Desde entonces, la importancia de este posicionamiento humanista de los fotógrafos ha crecido exponencialmente, situando la solidaridad y la visibilidad de las injusticias, como uno de los asuntos más necesarios para la concienciación social.

São Trindade es una especie de *flâneur* visual, a la antigua usanza, porque el *flâneur* contemporáneo ya solo pasea por las redes sociales a través de la pantallas. Su personal imaginario no contiene una temática específica, la elección de aquello que fotografía parece proceder de pulsiones subconscientes, que ilustran la simultaneidad de su caminar errático por las calles de Lisboa, con los encuentros de carácter accidental que asaltan su mirada. Camina y mira mientras callejea por lugares cotidianos. Se deja sorprender por objetos y espacios que contienen residuos de realidad, rodeados aleatoriamente por elementos disruptivos. Una suerte de *escenas encontradas*, que aproxima sus fotografías a los presupuestos conceptuales del surrealismo.

São Trindade no busca ordenar el caos de la realidad, más bien se hace cómplice de ese estado de aleatoria incongruencia para crear una poética de la disonancia. Una actitud que en literatura podría inscribirse en el género del realismo sucio, pero en su caso, más bien podría decirse que la emparenta con la prosa poética que Herberto Helder despliega en su libro *Os Passos em Volta*.

Si yo quisiera, enloquecería. Sé una cantidad de historias terribles. He visto muchas cosas, me contaron casos extraordinarios, yo mismo... En fin, a veces ya no consigo ordenar todo eso. Porque, ¿sabe?, uno se despierta a las cuatro de la mañana en un cuarto vacío, enciende un cigarro... ¿Lo ve? La pequeña luz de la cerilla levanta de repente la masa de las sombras, la camisa caída sobre la silla gana un volumen imposable, nuestra vida... ¿comprende?... nuestra vida, la vida entera, está allí como... como un acontecimiento excesivo... Hay que poner orden muy rápido. Felizmente está el estilo. ¿No adivina lo que es? Veamos: el estilo es un modo sutil de transferir la confusión y la violencia de la vida para el plano mental de una unidad de significación. ¿Me explico? ¿No? Bien, no aguantamos el desorden espantoso de la vida.

Malabar

Pedro Letria

Artistas del semáforo o librepensadores. O quizá ambas cosas. Por casualidad, conocí y fotografié a la comunidad de artistas callejeros que utilizan al público “cautivo” en sus coches como audiencia para exhibir sus habilidades en el malabarismo. Me di cuenta de que, además de ser buenos con los instrumentos que eligen, han de contar el tiempo que necesitan para impresionar a los conductores e identificar cuál de los carriles será más provechoso, ya que no queda tiempo para recorrer más de uno en cada actuación. He visto cómo la gente reconoce el esfuerzo y les agradece que interrumpan sus rutinas durante unos segundos, entregándoles dinero, comida, ropa y otras cosas (inimaginables). He oído historias de viajes intercontinentales pagados con la práctica diaria en la calle. Fui testigo de cómo uno, que se había lesionado, recibió la ayuda de un colega que se hizo cargo de su trabajo, compartiendo después lo que había ganado. Comprendí las diferencias entre quienes se imaginan siempre libres para decidir su futuro y quienes declaran su sueño de pertenecer al Cirque du Soleil y se quedan atrapados en un laberinto. Asistí a la primera reunión de una hipotética asociación de artistas callejeros en una carpa cerca del metro Senhor Roubado. Llevé pasteles de nata a uno de ellos que estaba durmiendo en una furgoneta, detrás de Areeiro, se des-perezó con unos pocos estiramientos y se largó con su novia, que ese día iba a estrenarse como malabarista en un semáforo de la Avenida de Estados Unidos. He fotografiado lo que me asombra: los artistas y sus trucos.

Veinticuatro años después, volví a fotografiar Benfica, el lugar en el que trabajaba desde 1998 y que había fotografiado un año después para un encargo del Archivo Fotográfico de Lisboa. Frente a la comprensión orgánica del espacio público urbano, surgió como mejor hipótesis la idea del fragmento, la de lo inorgánico.

La imagen genérica de la serie se generó a partir de un guión que incluía fuentes escritas y visuales, documentales y/o ficticias, siendo decisivas las fotografías históricas de Benfica pertenecientes al fondo del Archivo. Un palimpsesto urbano que revela vestigios de su pasado agrícola e industrial. Otros vestigios, como los de la Ribeira de Alcântara o el lugar donde se encontraba el Campo da Feiteira, quedaron sepultados bajo la acelerada urbanización de Benfica, que tuvo lugar entre los años sesenta y ochenta.

** Hey Hey, My My (Into The Black)*, de Neil Young



Câmara Municipal de Lisboa Lisbon Municipal Council Ayuntamiento de Lisboa

Vereação da Cultura Department for Culture Consejería de Cultura | Diogo Moura

Direção Municipal de Cultura Municipal Department for Culture Dirección Municipal de Cultura | Laurentina Pereira

Departamento de Património Cultural Cultural Heritage Section Departamento de Patrimonio Cultural | Jorge Ramos de Carvalho

Divisão de Arquivo Municipal Municipal Archive Division División de Archivo Municipal | Helena Neves

Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico - Coordenação Lisbon Municipal Photographic Archive - Coordination

Archivo Fotográfico Municipal de Lisboa - Coordinación | Isabel Corda

O CERCO DE LISBOA

Augusto Brázio

Lara Jacinto

Mag Rodrigues

Paulo Catrica

Pedro Letria

São Trindade

Valter Vinagre

Curadoria Curatorship Curaduría | Alejandro Castellote

Direção de projeto Project direction Dirección de proyecto | Nuno Aníbal Figueiredo (Número - Arte e Cultura)

Direção executiva Executive board Dirección ejecutiva | Isabel Corda

Coordenação e produção Coordination and production Coordinación y producción | Sofia Castro

Design gráfico Graphic design Diseño gráfico | Joana Pinheiro

Apoio à montagem Support in assembling Apoyo al montaje | Ana Rafael

Apoio técnico Technical support Apoyo técnico | Rui Luciano, Vítor Nogueira

Projeto de iluminação Lighting project Proyecto de iluminación | José Luís Neto

Comunicação Communication Comunicación | Pedro Cordeiro, Susana Santareno

Serviço educativo Educational service Servicio educativo | Ana Brites, Filipa Ferreira, Vitória Pinheiro

Contabilidade Accounting Contabilidad | Elsa Teixeira

Serviços administrativos Administrative services Servicios administrativos | Ana Tavares, Filomena Júlio, Sofia Macedo

Vídeo *Cerco ao Cerco* Video *Cerco ao Cerco* Video *Cerco ao Cerco* | Tiago Moura

Tradução (EN) Translation Traducción | Peter Taylor

Construção e montagem Construction and exhibition setup Construcción y montaje | Pedro Canoilas - Unipessoal.

Tela e vinil Screen and vinyl Lona y vinilo | Wooz in Biz Consulting, Lda.

Seguros Insurance Seguros | Victoria - Seguros, S.A.

Apoio serviços C.M.L. Support from the Services of the Lisbon Municipal Council Apoyo de servicios del Ayuntamiento DMMC/DIEM - Divisão de Execução e Manutenção de Instalações Eléctricas e Mecânicas Execution and Maintenance Division of Electrical and Mechanical Installations División de Ejecución y Mantenimiento de Instalaciones Eléctricas y Mecánicas

Impressão Printed by Impresión | MB&F Tiragem Print run Tirada | 400 exemplares copies ejemplares

Publicação editada por ocasião da exposição *O Cerco de Lisboa*, realizada no Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico, de 4 de dezembro 2023 a 2 de março de 2024.

Published on the occasion of the exhibition *O Cerco de Lisboa*, held at the Lisbon Municipal Photographic Archive from 4 December 2023 to 2 March 2024.

Publicado con motivo de la exposición *O Cerco de Lisboa*, en el Archivo Fotográfico Municipal de Lisboa, del 4 de diciembre de 2023 al 2 de marzo de 2024.

Organização
Organization
Organización



Coorganização
Coorganization
Coorganización



Apoio
Support
Apoyo



Apoio à divulgação
Support for dissemination
Apoyo a la difusión



